



As migrações recentes como possibilidades poéticas e políticas de transformação do mundo social

Recent migrations as poetic and politic possibilities of transformation of the social world

Janaina Santos¹

Resumo

O presente artigo propõe uma reflexão acerca das migrações recentes como possibilidades poéticas e políticas de transformação do mundo social. O fenômeno migratório deste século XXI, a partir de Santa Catarina, é analisado a partir de suas liminaridades, montagens e possibilidades de desencadear transformações. O enfoque proposto, para além das precariedades e restrições de direitos que incidem sobre populações migrantes, atenta para a sua positividade. Através desta perspectiva, os constantes deslocamentos e reelaborações de identidades e de modos de estar no mundo, mais fluídos e menos estáveis presentes no cotidiano destes novos fluxos migratórios podem ser compreendidos como desencadeadores de novos paradigmas de relações contra-hegemônicas.

Palavras-Chave: migração, transformação social, liminaridades, poética, antropologia.

Abstract

This article proposes a reflection about the recent migrations as poetic and politic possibilities of transformation of the social world. The migratory phenomenon of this XXI century, from Santa Catarina, is analyzed from its liminarities, mounts and possibilities to trigger transformations. The proposed approach, in addition to the precariousness and restrictions of rights that affect migrant populations, is attentive to its positivity. Through this perspective, the constant shifts and re-constructions of identities and ways of being in the world, more fluid and less stable in the daily life of these new migratory flows can be understood as triggering new paradigms of counter-hegemonic relations.

1 Doutoranda em Antropologia Social no PPGAS/UFSC, Mestre em História Cultural, Especialista em Educação a Distância, membro do GAIRF (Grupo de Apoio a Imigrantes e Refugiados de Florianópolis e região), do GT I (Grupo de Trabalho sobre Imigração da Comissão de Direitos Humanos da ALESC) e do Observatório das Migrações da UDESC. Vinculada ao GESTO (Grupo de Estudos em Oralidade e Performance).



Keywords: migration, social transformation, liminaries, poetics, anthropology.

De acordo com Taussig as categorias precisam ser pensadas não como manifestações do natural mas “como um produto do desenvolvimento de relações humanas mútuas – ainda que encobertas por aparências reificadas em uma sociedade baseada na produção de mercadorias” (Taussig, 2010, p.30). Deste modo, a imigração e o refúgio podem ser compreendidos como efeitos das condições históricas e sociais em que vivemos. Os fatos sociais não existem naturalmente, mas “revelam-se de alguma maneira, como signos de relações sociais” (idem, p.31), assim como seus usos seletivos nos processos de construções de memórias e identidades, enquanto processos que se fortalecem na diáspora, com base na *différance*, conceito que Hall (2003) busca em Jacques Derrida, remetendo a um significado que não é fixo nem completo, mas que está em constante deslizamento e fluidez. A identidade, portanto, é vista como um tornar-se, um vir a ser relacional e contextual. E, como percebido por meio de trabalho etnográfico com populações migrantes de haitianos e senegaleses – historicamente reconhecidas como diaspóricas -, através de seus constantes deslocamentos, torna-se possível compreender este caráter aberto e em construção dos processos identitários.

A ideia deste artigo é refletir sobre as múltiplas maneiras pelas quais imigrantes e refugiados - doravante designados como migrantes, conforme propõe Agier (2016) - se fazem presentes coetânea e simultaneamente nos mais diversos contextos, bem como sobre a positividade do fenômeno das migrações. Este termo, como propõe o autor, engloba as imigrações e as situações de refúgio e solicitação de refúgio, através da adoção de uma posição descentrada e crítica em relação aos enunciados administrativos, midiáticos ou públicos, que são categorias sempre em defasagem em relação à complexidade social. Segundo o autor a palavra migrante é um termo descritivo, neutro e genérico, referindo-se a pessoas em deslocamento, sem prejudicar de onde elas vêm ou para onde vão, ao passo que refugiados é uma categoria histórica e como tal, sujeita a reelaborações conforme o contexto, além de compreender uma definição jurídica e institucional².

2 O estatuto do refugiado é definido por um ambiente internacional e histórico que evolui com seu contexto. Por esta razão Agier defende uma posição nominalista, através da qual são refugiados aqueles designados como tais pelas instituições habilitadas a fazê-lo, a HCR, a OFPRA (*Office français pour la protection des réfugiés et apatrides*) na França, CONARE no Brasil, etc. Isso porque muitos dos que são genericamente chamados de ‘refugiados’ não tem hoje o estatuto nem os direitos relacionados, sendo na maior parte das vezes solicitantes de refúgio ou imigrantes. Segundo a ONU - através da Convenção de Refugiados de 28 de julho de 1951 que entrou em vigor a 21 de abril de 1954 com a criação do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) e em seguida pelo “Protocolo de 1967”, ampliado pela Convenção que Regula os Aspectos Específicos dos Problemas dos Refugiados na África, adotado pela Assembleia dos Chefes de Estado e de Governo da Organização da Unidade Africana em 10 de setembro de 1969 - refugiado é “qualquer pessoa que, devido a uma agressão, ocupação externa, dominação estrangeira ou a acontecimentos que perturbem gravemente a ordem pública numa parte ou na totalidade do seu país de origem ou do país de que tem nacionalidade, seja obrigada a deixar o seu lugar de residência habitual para procurar refúgio em outro lugar fora do seu país de origem ou de nacionalidade” (p. 8).



O mundo contemporâneo experimenta um momento em que constantes deslocamentos populacionais vêm transformando continuamente relações, escalas e paisagens sociais (Appadurai, 2004). Apesar destes deslocamentos não constituírem um fenômeno recente, estas interações apresentam-se em nova intensidade, implicando transformações relacionadas a (re)construções identitárias e des-re-territorializações constantes, mas também a precariedades, conforme Butler (2009) e Sayad (1998). Butler faz uma crítica à violência de Estado empregada por Israel contra os palestinos, subjugando uma população nativa e minoritária, colocando-se em defesa de “atos formais que garantam uma igualdade mais inclusiva e que acabem com as formas contemporâneas de discriminação, violência diferencial e assédio diário ao povo palestino” (Butler, 2017, p. 42).

No Brasil não se pode afirmar que exista uma tal violência institucional contra as populações imigrantes e refugiadas, mas a omissão e a ausência do Estado também não permitem admitir que esta violência não exista, ou pelo menos que não seja admitida e tolerada (quando não incentivada), uma vez que todos atendimentos é baseado na securitização³. As instituições responsáveis pelo atendimento às populações migrantes são o Ministério da Justiça e o Ministério do Trabalho, definindo as populações migrantes nos âmbitos da segurança nacional ou do trabalho. Se o poder público mostra-se ausente da discussão sobre migrações e não trabalha no estabelecimento de políticas públicas, como de fato tem ficado demonstrado pela realidade catarinense, pode-se inferir que contribui para segregar, excluir e incitar a violência. As populações imigrantes e refugiadas ficam, desta forma, expostas a mais uma fragilidade e muitas vezes tornam-se o alvo de hostilidades sociais agravadas em tempos de crise. No intuito de minimizar esta tragédia social, movimentos não governamentais, organizações religiosas, militantes, pesquisadores e os próprios migrantes se organizam e performam quadros de resistência e de transformação social.

Refletir sobre o fenômeno dos múltiplos trânsitos de pessoas, mercadorias, saberes e práticas em escala global na contemporaneidade, bem como sobre os ruídos provocados e evocados, pode caminhar na direção de uma maior interdependência política no sentido do intercâmbio de experiências proposto por Walter Benjamin, em que se reflita sobre simetrias ao invés de perpetuar práticas de dominação e desigualdades. Os novos fluxos migratórios inserem-se em um movimento amplo e complexo, consequência das transformações sociais, econômicas, políticas e culturais que atravessam o mundo, aceleradas pela globalização, pela crise dos estados-nação e da modernidade, pelo aumento das desigualdades e

3 Gradualmente é possível percebermos lentas mudanças em alguns estados do Brasil, como é o caso de São Paulo, principalmente devido à pressão da sociedade civil e das próprias populações migrantes. Em São Paulo, estado que concentra boa parte dos migrantes que chegam ao Brasil, pelo menos inicialmente, em 2014 foram inaugurados o Centro de Referência e Acolhida para Migrantes (CRAI), sob responsabilidade da prefeitura municipal, e a Casa de Passagem Terra Nova e o Centro de Integração e Cidadania do Imigrante (CIC do Imigrante), administrados pelo poder público e estadual. Mas na prática as ações de recepção e acolhida aos migrantes continua sob responsabilidade da Igreja Católica, através da Pastoral do Migrante e da Cáritas, de outras organizações religiosas, de grupos voluntários, de iniciativas pontuais de pessoas da sociedade civil, pesquisadores, servidores públicos e dos próprios grupos organizados de migrantes que aqui se encontram.

dos conflitos locais, dos efeitos da colonização, do imperialismo, do desenvolvimento do capitalismo, dos processos de racialização, bem como da circulação de informações e bens, e portanto, não podem ser considerados isoladamente.

Sob esta perspectiva, o processo migratório coloca em relação o passado e o presente, assim como o contexto de origem e o contexto de chegada através dos transnacionalismos e translocalismos, dos discursos de 'nós' e 'eles', articulando novos sentidos às experiências vividas e evocando devires, resistindo à invisibilidade e ao silêncio. Migrantes, voluntários ou involuntários⁴, insistem em se deslocar pelos espaços, em criar novas formas de existir, constituindo um movimento que além de político é poético, na medida em que articula novos sentidos e sensibilidades, mas também é performativo na medida em que é transformador de contextos e relações.

Agier associa este interesse da antropologia das fronteiras, das mobilidades e da migração à mundialização humana e a uma nova condição cosmopolita (Agier, 2016, p.9). Sua análise, baseada em pesquisas feitas ao longo quinze anos com pessoas em deslocamento, refugiadas e migrantes em diferentes partes do mundo, entretanto, constata que a mundialização, ao contrário das melhores perspectivas do final do século XX, tem tido por efeito a multiplicação de fronteiras, muitas vezes endurecidas por muros, o aumento das especificidades nas regulamentações regionais ou nacionais, e a distinção de categorias jurídicas de pessoas cada vez mais desiguais do ponto de vista dos direitos. Toda esta lógica burocrática e securitária, calcada no 'pânico social' (Bauman, 2016) tem contribuído para tornar a precariedade das migrações permanente e ordinária, estabelecendo performances excludentes de alteridade. Com argumento que propõe pensarmos os caminhos divergentes, Butler considera que a "universalização só tem chance de se renovar dentro de um projeto radicalmente democrático quando essas [suas próprias] normas são desmontadas" (Butler, 2017, p. 32).

Partimos do princípio de que as narrativas de pessoas migrantes se desdobram em performances e poéticas de constantes transformações e refletem a ambivalência da liminaridade. Isso porque "os migrantes, os refugiados e os nômades não se limitam a circular. Necessitam também estabelecer-se, solicitar asilo ou nacionalidade, exigir acesso à moradia e à educação, fazer valer seus direitos econômicos e culturais e procurar para si o estatuto de cidadãos" (Bhabha, 2013, p. 26, tradução livre).

Frederico Lucena de Menezes (2007), que é médico e psicanalista, e utiliza uma perspectiva "bio-lógica" para compreender as migrações, afirma que o equilíbrio ecológico da vida não é possível sem perturbações e movimentos, pois estes permitem a diversidade e a transformação da natureza. O autor descreve o processo migratório da seguinte forma:

4 A migração voluntária é um fenômeno que se refere ao deslocamento por motivos econômicos, afetivos, socioculturais ou outros. A migração involuntária está muitas vezes associada às situações refúgio ou de solicitação de refúgio, e decorre de perseguições ou exposição a riscos concretos no país de origem ou de residência. A migração forçada, historicamente, refere-se também ao deslocamento de pessoas escravizadas. Refugiado é, portanto, um migrante amparado pela Convenção das Nações Unidas relativa ao Estatuto dos Refugiados (também conhecida como Convenção de Genebra, de 1951) e pelo Protocolo sobre o Estatuto dos Refugiados de 1967.



“A viagem de migração é também uma viagem do espírito humano. É a imaginação viajando através do caos, tentando reduzir o caos à clareza e ordem interior. Nessa viagem, a dimensão poética, criativa, não exclui o toque da imagem de novos começos em novos lugares. O poeta vai a novas terras através da criação, enquanto o migrante viaja poeticamente a novos lugares para criar” (Menezes, 2007, p.131)

Esta abordagem das migrações como possibilidades poéticas e políticas de transformação do social foi inicialmente pensada a partir de leitura de *O espelho da Tauromaquia*, de Michel Leiris (2001). Narrando diversas imagens evocadas a partir da tauromaquia, o autor menciona a importância dos ‘construtores de espelhos’, aqueles que ao invés de banir ou mascarar a morte, incorporam-na à vida, com todos os riscos envolvidos e assim, ao olharem a morte de frente, mergulham no abismo e de lá saem, num processo de transmutação. Fruto de uma revelação, no sentido de uma experiência crucial, a tauromaquia vista através do espelho, esclarece aspectos obscuros da vida, aquilo que não tem uma forma única, mas que é repleto de ambivalências e polissemias. Segundo Leiris,

(...) certos lugares, certos acontecimentos, certos objetos, certas circunstâncias muito raros suscitam, quando sobrevêm que se apresentem ou que nos envolvamos com eles, a sensação de que sua função na ordem geral das coisas consiste em nos pôr em contato com o que há em cada qual de mais profundamente íntimo, de mais quotidianamente turvo e mesmo de mais impenetravelmente oculto (Leiris, 2001, p.11).

Neste sentido a tauromaquia, bem como a arte, teria lugar na interação de contrastes, no paroxismo, no escancaramento de ambiguidades, dissonâncias, passagens liminares e, portanto, transformadoras. Segundo ele os construtores de espelhos seriam os toureiros, os poetas e os amantes que nos proporcionam revelações a partir de experiências cruciais, lançando luz sobre nós mesmos e visibilizando contradições e contrastes, como no jogo/dança/luta/relação entre o touro e o toureiro. No limiar entre a vida e a morte, entre o sagrado e profano, na fronteira entre o ‘reto’ e o ‘torto’ acontece um movimento de aproximação e afastamento da morte e um (re)nascimento torna-se possível, sob a iminência e a presença dos riscos. Sua função a partir dos “lugares em que o homem tangencia o mundo e a si mesmo” (idem, p.75) seria incorporar a morte a vida, lembrando que o mundo vai além do que é visível, objetivo, fixo e estável.

Nossa proposta aqui é considerar os migrantes também como construtores de espelhos, na medida em que nos obrigam a olhar para outras realidades, assim como para nós mesmos e refletir sobre as construções sociais que tornaram possível nossa atual configuração social com suas hegemonias e fronteiras.

A migração, portanto, constitui-se como um fenômeno social liminar, político e poético, que articula passado e presente através de temporalidades e espacialidades múltiplas. Assim os fluxos relacionados à imigração apontam para o que Turner (2008, 2013) definiu como liminaridade, enquanto zona simbólica de transição ou passagem, espaço de indefinição que em si já é transformativo, indefinido, criativo mas também desconhecido e repleto de rupturas. Tal sentido de



liminaridade me foi sugerido por diversos dos meus interlocutores migrantes, tanto homens quanto mulheres que se referem ao fato de que é 'natural' mudar para outro país para 'conhecer outras realidades' e talvez também para poder ajudar os que ficaram nos países de origem ou em alguns casos trazê-los para juntarem-se a eles no novo contexto.

'Conhecer' neste sentido assume o significado de uma experimentação. Trata-se de um processo através do qual o movimento de deslocar-se de um lugar a outro gera, além de novas possibilidades, novas percepções. A vida para imigrantes e refugiados é escancaradamente aberta a improvisações no sentido atribuído por Deleuze, de "juntar-se ao mundo, ou fundir-se com ele" (Deleuze & Guattari, 2004, p.343-344) e implica em riscos. Mas estes, costumeiramente tomados em sua negatividade, podem ser positivados, conforme Mary Douglas (1992) que compreende o risco como um cálculo ou uma aposta que fundamentalmente é positivo, mas que aos poucos foi culturalmente transformado em um perigo ou uma perda, assumindo assim uma conotação negativa.

Desta maneira os constantes deslocamentos migratórios constituem-se em processos liminares, na medida em que possibilitam movimentos que transformam a realidade tanto dos contextos de origem quanto de chegada, desencadeando performances e experiências intersticiais. Como afirma Dawsey (2006, p.136) as "experiências de liminaridade podem suscitar efeitos de estranhamento em relação ao cotidiano". Este estranhamento produz uma reflexividade que consideramos aqui em sua positividade na medida em que opera uma exposição das fissuras do real e possibilita ou escancara a necessidade de transformação.

Não se trata de descartar ou minimizar as dificuldades pelas quais passam imigrantes e refugiados, nem todo o racismo, preconceito e xenofobia de quem vem sendo vítimas por parte de um precariado emergente que insiste em falar de 'crise', pânico social (Bauman, 2016) e de fronteiras. Trata-se de perceber estas (dis)junções e (des)continuidades como [tentativas de] interrupções nos fluxos, mas de buscar construir com e através delas uma certa poética que é também política, algo que Crapanzano (2004; 2005) definiu como 'horizontes imaginativos' e que Turner descreveu como efeito de um "espelho mágico" (Turner 1987, p.22).

Os migrantes, tendo deixado de ser de seu país de origem, tampouco pertencem imediatamente a outro país. Estão numa zona liminar, num interstício experiencial que provoca múltiplas reflexividades. Estar presente não corresponde a permanecer, é antes parte de um processo, de um fluxo, de um descobrir-caminho através do qual as experiências são transformadas continuamente. As relações familiares e de gênero são transformadas irremediavelmente com a migração, conforme aponta Nancy Green (Green, 2011).

O migrante, como sujeito social, torna-se um sujeito liminar, que não pertence a nenhum lugar definitivamente mas que está transnacionalmente conectado, falando diversas línguas e em contato com diferentes culturas, afetos e países quase simultaneamente. Trata-se de um processo que se inicia com uma ruptura com o contexto de origem, com um caos que se espera reordenar no lugar de imigração, mas que também é repleto de caos. Para Agier a figura do migrante contemporâneo se forma em "um lugar que é múltiplo, entre diversas ancoragens, mesmo que estas sejam precárias, entre inserções parciais e provisórias na economia do ou dos países de acolhida ou de trânsito, sendo uma forma de presença no mundo



que permanece mais ou menos na fronteira” (Agier, 2016, p. 27).

As novas ancoragens e reconfigurações, não apenas na economia, mas como sujeito de direitos, precisam ser construídas, performadas, produzindo espelhamentos que anunciam uma inversão: através da experiência das populações migrantes somos forçados a enxergar a alteridade que há em nós, pois ao nos depararmos com a alteridade do outro nos encontramos com nossa própria alteridade e desta forma um movimento de transformação social acontece.

O olhar espelhado do estrangeiro nos torna também estrangeiros em busca de resignificação. Do mesmo modo, a identidade hegemônica só existe na relação com outra que lhe é alheia, pois é na alteridade que ambas se constituem, afinal “a diferença é parte ativa da formação da identidade” (Silva, 2014, p.84) e ainda que tomemos os processos identitários como múltiplos, assim como seus mecanismos discursivos, simbólicos e linguísticos de produção, eles são possíveis através da relação, bem como são impossíveis de fixar.

Conforme Dawsey afirma a observação dos dramas sociais ilumina “o lado cotidiano do extraordinário. Se as margens, como diz Turner, podem revitalizar a vida social, o teatro dos ‘bóias-frias’ tende a colocar-se, poder-se-ia dizer, às margens dessas margens” (Dawsey, 2005a, p.30), provocando um estranhamento do extraordinário. Sua jornada, inscrita como liminaridade é o extraordinário, da mesma forma que os deslocamentos migratórios. Migrar é extraordinário, é colocar-se na margem, abrir-se para o estranhamento e para a construção de estranhamentos múltiplos. Assim, pode-se compreender as performances poéticas e políticas e a presença de migrantes como ações cotidianas sobre o extraordinário, que atuam construindo continuamente relações de sobreposições e articulando cada nova experiência e cada novo contexto, em um trabalho de montagem histórica, social, cultural e política.

Acreditamos, tal qual John Dawsey, que “experiências que irrompem em tempos e espaços liminares podem ser fundantes. Dramas sociais propiciam experiências primárias” (Dawsey, 2005b, p.165). Desta forma é possível percebermos o quanto as migrações podem revelar sobre, não apenas estar fixo, mas sobre o modo como as sociedades modernas e contemporâneas constroem seus valores e suas fronteiras físicas e simbólicas, sobre os resíduos históricos do colonialismo, do imperialismo e do capitalismo. Segundo Turner (1987) através do efeito de espelhamento (do espelho mágico) que constitui uma experiência liminar, a sociedade se vê se se reflete por múltiplos ângulos.

Ainda, de acordo com Hall pensar a migração a partir da perspectiva transcultural implica em dialogicidade porque busca compreender tanto “como o colonizado produz o colonizador quanto vice-versa” (Hall, 2009, p. 31). Neste processo de mútua produção ou transformação, importa-nos perceber as ‘zonas de contato’ e suas invenções, seleções e montagens. Esta ideia de montagem foi utilizada por Taussig (1993) para descrever os horrores do colonialismo e do ciclo da borracha na Floresta Amazônica colombiana e os processos de cura xamânicas que tornaram possível reelaborar o passado a partir de múltiplas montagens. O autor descreve cenas ou imagens e as desloca, criando efeitos de estranhamento, desfazendo a ideia de uma narrativa linear e coerente sobre o passado e tornando evidentes as múltiplas perspectivas e suas justaposições, tanto da história quanto de suas possibilidades narrativas.



Taussig oferece algumas definições de montagens, dentre elas: “alterações, brechas, deslocamentos e guinadas”, “súbita mudança de cena, que rompe com qualquer tentativa de ordenamento narrativo e que impede o sensacionalismo”, “situações que se alteram subitamente” (Taussig, 1993, p.413-414), assim como oscilações para dentro e para fora, fragmentos. O autor adota uma técnica de ‘crítica e descoberta’ que “não se sujeita a uma imagem da verdade” mas a “uma imagem da verdade enquanto experimento, revestida de particularidades” (idem, p.415). Esta ideia de montagem enquanto possibilidade do presente que atua articulando imagens se encaixa no modo como compreendemos a migração a partir das narrativas múltiplas e fragmentadas dos sujeitos migrantes, acionando sentidos e performances, construindo uma poética em transformação contínua ao mesmo tempo em que espelha a fixidez, tanto dos sujeitos não migrantes quanto dos estados-nações e suas fronteiras.

Assim, pensar sobre as transformações desencadeadas e demandadas pelas situações de refúgio e imigração, em busca de visibilidade e direitos sociais, incluindo o direito de migrar tal qual proposto pela Declaração Universal dos Direitos Humanos, aponta para uma possibilidade de transformação da ordem hegemônica e estabelecida. Isto porque o atravessamento das múltiplas fronteiras por populações migrantes aponta para uma forma de poética e política de resistência e desobediência civil, no sentido da não aceitação da ordem e da ética estabelecida (Butler, 2017).

Portanto, refletir sobre os trânsitos de pessoas que se deslocam e cruzam fronteiras nos possibilita refletir sobre o deslocamento na sua liminaridade, na sua imanência e ao mesmo tempo, compreender os lugares como não-lugares, na medida em que são também espaços de deslocamento e de trânsito que nem sempre acionam pertencimentos e engajamentos mais sólidos. Este movimento requer novos arranjos que são experimentados através de sucessivas e múltiplas fronteiras, alternando estabilidade e desestabilidade, e através dos sucessivos e múltiplos deslocamentos (e montagens), constituindo novas configurações políticas, sociais e poéticas, uma vez que, como afirma Geertz, “o sentimento de ser estrangeiro não começa à beira d’água mas à flor da pele” (Geertz, 1999, p. 22).

Por fim, a poética dos processos de migração remete a Sansot (1986) no sentido de evitar significações unívocas sobre os sujeitos nestes fluxos e os processos relacionados, focando nas múltiplas possibilidades que as imagens e os significados que seus deslocamentos e presenças criam, transformam e evocam. Assim os deslocamentos humanos, para além dos trânsitos de pessoas, práticas e saberes, nos fazem refletir sobre a fixidez, as fronteiras, a permeabilidade, e a transformação dentro um fluxo constante de movimento.

Este movimento de abertura que as migrações produzem gera novos movimentos, transformando contextos e identidades. Como nos lembra Serge Gruzinski, “a identidade define-se sempre, pois, a partir de relações e interações múltiplas. Foi o contexto da conquista e da colonização da América que incitou os invasores europeus a identificarem seus adversários como índios e, assim, englobá-los nessa apelação unificadora e redutora” (2001, p.53). Da mesma maneira os migrantes, individual e coletivamente, estão inscritos em múltiplas categorias identitárias, articulando-as em diversas montagens, juntamente com as situações experimentadas, performadas e narradas e encontram-se em constante movimento, provocan-



do sucessivas transformações.

Partimos, portanto, de uma perspectiva que busca um olhar atento ao movimento contínuo e transformador da vida através da agência dos sujeitos migrantes e à positividade poética e política desta liminaridade enquanto abertura para o mundo, devir de possibilidades do sensível. Da mesma forma, trata-se de aceitar novos reflexos da realidade e do presente e suas possibilidades de espelhamentos, reflexos que por si só, são transformadores.

As migrações, segundo esperamos ter demonstrado, atuam como construtoras de espelhos que refletem e transformam o real, informando que migrantes e não-migrantes estão irremediavelmente inseridos em um processo dialógico de liminaridade e transformação. Neste processo articula-se uma poética e uma política da migração, através da compatibilização e fricção entre as múltiplas dimensões da vida social, percebidas e atravessadas em suas pontes e fronteiras reais ou metafóricas. Entre os diversos desafios que se colocam sublinhamos a compreensão destes novos fluxos migratórios em sua positividade, através de seu potencial transformador, a partir de uma responsabilidade ética e contra-hegemônica.

Afinal, “estamos vinculados uns aos outros antes de um contrato e antes de qualquer ato volitivo” e “não existe uma parte sequer da população que possa reivindicar a Terra para si. Fazer isso é entrar numa política de genocídio” (Butler, 2017, p. 32). Compreender e dialogar com a pluralidade, a diversidade e a heterogeneidade pode colaborar para a construção de novas bases relacionais, e neste aspecto as migrações recentes têm muito a ensinar sobre relações mais éticas e igualitárias através de seus múltiplos deslocamentos bem como dos múltiplos deslocamentos e socialidades que desencadeiam.

Referências

AGIER, Michel. 2001. Distúrbios identitários em tempos de globalização. **Mana. Estudos de Antropologia Social**, vol. 7 (2): 7-33.

AGIER, Michel. 2011. **Antropologia da Cidade: lugares, situações, movimentos**. São Paulo: Ed. Terceiro Nome, 2011.

AGIER, Michel. 2016. **Les Migrants et Nous: Comprendre Babel**. Paris: CNRS Éditions.

BAUMAN, Zygmunt. 1999. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Zahar.

BUTLER, Judith. 2009. **Dar cuenta de sí mismo. Violência ética y responsabilidad**. Buenos Aires, Amorrortu.



_____. 2015. **Relatar a si mesmo: crítica da violência ética**. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

_____. 2009. **Vida precária: el poder del duelo y la violencia**. Buenos Aires: Paidós, 2009.

_____. 2017. **Caminhos divergentes: judaicidade e crítica do sionismo**. São Paulo: Boitempo.

CRAPANZANO, Vincent. 1991. **Diálogo**. *Anuário Antropológico*, Brasília, n.88, p. 59, 80, 1991.

_____. 2005. Horizontes imaginativos e o aquém e além. *Revista de Antropologia*, 48 (1), 363-384.

DAWSEY, John. 2006. **O Teatro em Aparecida: a santa e o lobisomem**. MANA 1291: 135-149.

_____. 2005a. **O teatro dos 'bóias-frias': repensando a antropologia da performance**. *Horizontes Antropológicos* 11 (24): 15-34.

_____. 2005b. Victor Turner e a Antropologia da Experiência. In: **Cadernos de Campo**, n. 13.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. 2004. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1**. Ed. Assírio e Alvim.

DOUGLAS, Mary. 1991. **Pureza e perigo: ensaios sobre as noções de poluição e tabu**. Lisboa, Edições 70.

FELDMAN-BIANCO, Bela. 2009. Reinventando a localidade: Globalização heterogênea, escala da cidade e a incorporação desigual de migrantes transnacionais. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 31, p. 19-50, jan/jun 2009.

GREEN, Nancy. 2011. Mudando paradigmas em estudos de migração, de homens para mulheres para gênero. In: **Diásporas, Mobilidades e Migrações**. Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres.

GRUZINSKI, Serge. 2001. **O pensamento mestiço**. São Paulo: Companhia das Letras.

HALL, Stuart. 2003. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG.

LEIRIS, Michel. 2001. **Espelho da Tauromaquia**. São Paulo: Cosac & Naify Edições.



MENEZES, Frederico Lucena. 2007. Migração: Uma perspectiva psicológica, uma leitura pós-moderna ou, simplesmente, uma visão preconceituosa. In: CUNHA, Maria Jandyra Cavalcanti et all. 2007. **Migração e identidade: olhares sobre o tema**. São Paulo: Centauro.

ONU. Declaração Universal dos Direitos Humanos. Genebra, 1948.

SAYAD, Abdelmalek. 1998. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: EDUSP.

SILVA, Tomaz Tadeu da. 2014. A produção social da identidade e da diferença. In: **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes.

TAUSSIG, Michael. 1993. **Xamanismo, colonialismo e o homem selvagem: um estudo sobre o terror e a cura**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra.

Turner, Victor. 1987. Images and Reflections: Ritual, Drama, Carnival, Film and Spectacle in Cultural Performance. In **The Anthropology of Performance**. New York: PAJ Publications.

Turner, Victor. 2008. **Dramas, Campos e Metáforas**. Niterói, EDUFF.

_____. 2012. **Liminoide em Brincadeira, Fluxo e Ritual. Um ensaio sobre simbologia comparativa**. Mediações 17(2): 214-257.

_____. 2013 [1969]. **O Processo Ritual: estrutura e antiestrutura**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

_____. 1981. **Social Dramas and Stories about them**. In: **On Narrative**. W.J.T. Mitchell (org.). Chicago, University of Chicago Press, pp. 137-164.

_____. 2005. **A Floresta de Símbolos: Aspectos do Ritual Ndembu**. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense.

SANSOT, Pierre. 1986. **Les formes sensibles de la vie sociale**. Presses Universitaires de France: Paris.

Recebido: 19 maio, 2017.

Aceito: 22 jun., 2017.